



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

TRABALHO SEXUAL E ENVELHECIMENTO

TRAJETÓRIAS DE VIDA DE PROSTITUTAS IDOSAS

Érika Bezerra de Meneses Pinho

Mestranda em Sociologia da Universidade Federal do Ceará

erikabmp@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma discussão sobre envelhecimento, identidades e experiência social, a partir de narrativas de ex-prostitutas acima de 60 anos. O fio condutor das reflexões aqui apresentadas será a construção das narrativas das colaboradoras da pesquisa, entendida com *trabalho da memória*¹, em que as experiências vividas são ressignificadas. Sendo a prostituição feminina objeto de preconceitos sociais e ideias moralizantes – o que era ainda mais evidente nas décadas em que as entrevistadas exerciam o meretrício – procuro entender como as mulheres pesquisadas lidam com os estigmas relacionados ao trabalho sexual, quais significações produzem sobre si mesmas com relação à experiência no meretrício e quais os reflexos dessa vivência no processo de envelhecimento das entrevistadas.

A pesquisa cujos resultados iniciais são aqui apresentados representa a segunda etapa das investigações que pude realizar sobre o universo da prostituição. Para a minha monografia de conclusão de curso, apresentada em 2006, pesquisei conjugalidades e afetividades a partir dos relatos de prostitutas que trabalhavam em um bar nas proximidades do Farol do Mucuripe, no bairro do Serviluz, em Fortaleza. As relações duradouras entre marinheiros estrangeiros e as garotas de programa que passaram por aquele bar e as histórias de namoros e casamentos constituídos nesse contexto formaram o centro da análise.

O interesse pelo tema e pelas histórias da decadente zona de meretrício da região portuária dá o tom deste novo trabalho, com outro recorte geracional. Interesse-me,

¹ Ver BOSI, Eclea. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



desta feita, por ouvir os relatos de mulheres que se prostituíram em outras décadas, quando as zonas de meretrício da cidade viveram seu auge. Assim como minhas interlocutoras da pesquisa passada, as colaboradoras deste trabalho teceram expectativas de futuro e construíram sentidos próprios para suas histórias de vida. O que o envelhecimento representa para essas mulheres? Eis uma das questões que nortearão as reflexões, a partir de suas próprias experiências e relatos.

Este trabalho não pretende anunciar conclusões de grande alçada, válidas para o amplo e heterogêneo universo das mulheres que compõe o mercado do sexo. Não se trata de um trabalho com objetivos de amostragem, mas de registro de fragmentos, de pedaços significativos de histórias de vida. A opção pelo micropolítico se dá pela consciência da impossibilidade de retratar toda uma vida, em sua complexidade. Nesse sentido, me aproximo da noção de biografema, proposta por Roland Barthes², voltada para o detalhe, para a exposição dos afetos em fragmentos reveladores. Parto da idéia de que os relatos se aproximam mais da criação que da representação, na medida em que revelam a agência dos sujeitos, tanto no momento da ação rememorada, como na narrativa que reformula o sentido do experiência vivida. Os relatos cumprem o papel político de exaltar a capacidade de permanente reinvenção de si, ao passo que recuperam uma memória social.

As reflexões de Suely Kofes sobre as interpretações individuais da experiência social agregam alguns argumentos valiosos à defesa da importância epistemológica da pesquisa a partir da escala individual. Referindo-se a algumas das utilizações das histórias de vida na Antropologia, a autora enumera análises focadas nas narrativas de um único biografado, que nem por isso deixam de falar de processos sociais mais amplos (KOFES, 1994, p. 140). Os relatos de vida, segundo a autora, podem ter usos diversos, assumindo o valor de documento cultural, narrando o encontro etnográfico ou ainda promovendo a “reconstrução de um processo sociocultural através de uma experiência particular”, entre outras possibilidades (KOFES, 1994, p. 117).

² Tornou-se célebre a formulação de Barthes, que traduz seu anseio por uma evocação não totalizante, francamente dispersiva: “Se eu fosse escritor e estivesse morto, como gostaria que minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigável e desvolto, a alguns detalhes, a alguns gostos, a algumas inflexões, ou seja, a ‘biografemas’ cuja distinção emobilidade pudessem viajar sem destino!” (BARTHES, 1971, p. 14).



Outro uso dos depoimentos em primeira pessoa na pesquisa social seria constituir, nas palavras de Howard Becker (1983), um “mosaico” que retrataria a complexidade da vida na cidade. Becker descreve um modelo colaborativo de produção científica, em que diversos empreendimentos de pesquisa, com diferentes técnicas, poderiam ser acionados para produzir um quadro dos processos sociais a partir das experiências individuais.

As trajetórias individuais relatadas pelas entrevistadas constituem o foco desta pesquisa. O estudo das trajetórias guarda uma **intenção biográfica**, mas no sentido de observar o que as entrevistadas relacionam, em seus relatos, como sendo significativo, formativo, transformativo. Os relatos se tornam campo para a interpretação da construção de uma identidade narrativa.

Entendendo as narrativas como forma de organização do discurso (AMADO E FERREIRA, 1996, p. XV), mas também como espaço de esquecimentos e silêncios, admite-se que o discurso não se organiza de forma linear, mas se desenvolve nas idas e vindas do “trabalho da memória” (BOSI, 2007).

A questão da não-linearidade, do caráter rizomático dos discursos que não seguem o ritmo cronológico, mas o tempo próprio das imbricações entre vida social e experiência individual, pode ser o eixo para a discussão sobre as nomenclaturas utilizadas para o trabalho com materiais biográficos.

Cabe enfatizar que neste trabalho não estabeleço uma radicalidade terminológica, de modo que os termos são utilizados de forma mais ou menos intercambiável. Uma precaução que norteia este trabalho, entretanto, é a de que as narrativas não podem ser tratadas como sequências de fatos que tendem a um sentido, como o termo “história de vida” poderia sugerir. O que não invalida, de todo modo, o uso da terminologia em questão, uma vez dissuadido o possível equívoco.

MULHERES COM *UM PASSADO*: APROXIMAÇÕES DE UM CAMPO INVISIBILISADO



Conversando com professores e lendo obras que se apóiam nas histórias de vida como corpus de análise e técnica de pesquisa, optei pelo trabalho com um número reduzido de sujeitos, de modo a privilegiar a profundidade das análises em detrimento do número de histórias. As personagens deste estudo não atuam mais como prostitutas, e já não freqüentam ambientes de meretrício, tampouco participam de movimentos políticos pelos direitos da categoria. Não as encontrei em contextos institucionais, mas em suas casas, junto às suas famílias, em lares de classe média baixa.

Nesta fase da pesquisa, o conjunto das informantes corresponde a quatro mulheres, sendo que duas delas, Dora³ e Edna, colaboram com este trabalho há aproximadamente um ano. Recentemente, no mês de março de 2011, conheci Laura e Marta, amigas de Edna que, assim como ela, trabalham nas pensões do Centro da cidade e nos cabarés do Arraial Moura Brasil. Ambas devem ser entrevistadas na próxima fase deste trabalho.

As memórias de Dora e Edna, moradoras do bairro Serviluz, em Fortaleza, remontam a uma rede de relações pertencente à Fortaleza antiga. O cenário das evocações de Dora é o cais do Porto do Mucuripe, na década de 60. Então no auge de suas atividades, o Porto atraía grande fluxo de navios e clientes para as casas de meretrício locais.

Dona Dorinha foi a primeira entrevistada com quem falei para esta pesquisa. Seu discurso, claro e organizado, me foi de grande ajuda na etapa inicial, e forneceu importantes pistas para a continuação da pesquisa. Como pedagoga com especialização em ensino de História, Dorinha apresentou o cenário das pensões com riqueza de datas, nomes e pormenores de quem viveu o período. Em sua fala está marcada, a todo momento, a valorização da experiência, e o meretrício é ressignificado por ela como etapa importante de seu aprendizado de vida. Sua identidade como prostituta está constituída também a partir da maneira como se diferencia das mulheres vulgares, *promíscuas*. Ela se descreve entre as mulheres “selecionadas”, que ganhavam a preferência dos clientes mais pela elegância que pela beleza, mais pela conversa que

³ A informante Dora Romão aparece, neste texto, com seu nome verdadeiro, a pedido da mesma. Ela descartou a opção de ter sua identidade ocultada por um nome alternativo, e justificou a escolha enfatizando que tem orgulho de sua trajetória pessoal e não teria porque escondê-la. Para as demais entrevistadas – Edna, Laura e Marta – foram atribuídos nomes diferentes dos originais.



pelo sexo. Sua experiência na prostituição, embora significativa e registrada por uma memória privilegiada, foi vivida por um período relativamente curto, de quatro anos, após o qual casou-se com um dos clientes, o marido com quem mora até hoje.

Ao contrário de Dora, cujo relato é preciso com relação às datas e durações dos eventos, Edna nos apresenta uma fala marcada por esquecimentos. A linguagem é bastante explícita, e optei por mantê-la assim, com tudo que as falas têm de significativo. Edna participou do baixo meretrício, do antigo Cural das Éguas, do qual Dora apenas ouviu falar. Essa personagem se apresenta como uma das “mulheres promíscuas, que brigavam, que cortavam, que bebiam, aquelas coisas perigosas”, como descreveu Dona Dorinha⁴. Edna nunca soube sua própria idade, e o número que consta em seus documentos foi atribuído por ela mesma que, ainda muito jovem, tratou de acrescentar alguns anos para evitar confusões com a polícia. Seus documentos dizem que tem setenta e quatro anos, mas calculo, a partir de alguns episódios narrados, que tenha aproximadamente setenta, embora aparente mais. No seu rosto, as rugas se confundem com cicatrizes conseguidas em brigas de rua, nas quais aprendeu a se defender amarrando giletes entre os dedos ou escondendo-as sob a língua. Ela mora com o filho adotivo, de vinte e cinco anos, que tem problemas mentais e depende dela para as atividades mais banais, assim como uma criança. Como os “homens infames” apresentados por Michel Foucault, Edna tem uma vida cujos pormenores os registros oficiais ignoram. Localizo, no depoimento de Edna, a dupla referência utilizada por Foucault para se referir às vidas pouco notórias: “a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados; pois tal é, nesses textos, a condensação das coisas ditas, que não se sabe se a intensidade que os atravessa deve-se mais ao clamor das palavras ou à violência dos fatos que neles se encontram” (FOUCAULT, 1977, p. 204).

As informantes negociam, de diferentes formas, com a dupla desvalorização que lhes é imposta pelo estigma da prostituição e pela chegada de uma idade mais avançada. Na concepção de cada entrevistada, o período em que trabalharam na prostituição pode ser encarado como motivo de autoestigma, mas também pode ser apontado como

⁴ Dona Dorinha conheceu Edna na década de setenta, quando foi sua vizinha, no Serviluz. Ela diz ter presenciado brigas de casal, em que Edna e o marido se enfrentavam com facas, por ciúmes, na rua. As mesmas brigas já haviam sido referidas por Edna em conversas anteriores. Outros vizinhos de Edna, em outras ruas do Serviluz, também relataram os episódios de brigas do casal.



motivo de distinção. Dona Dorinha relata suas experiências com os marinheiros estrangeiros como “belas aventuras” e reivindica para si um ethos cosmopolita, ao enfatizar conhecimentos adquiridos nesses contatos, destacadamente noções de etiqueta social e habilidade em danças de salão de diferentes países. Da mesma forma, associa e o envelhecimento a um aprendizado valioso, que não teria sido obtido senão pelo tempo vivido. No discurso de Dona Dorinha, todas essas valorizações positivas, relacionadas às sociabilidades na prostituição, são articuladas em oposição à pecha de mulher promíscua e sem valor, atribuída às prostitutas.

Mas tinha colombiano, espanhol, francês, italiano, alemão, viu? Então, era muito bom. Então aprendi... Aí, aprendi dançar merengue, rumba, cumbia. Com os colombianos. Colombianos, os peruanos. E foi muito bacana. E esse período que eu passei foi um período de muita lição de vida pra mim, pra pessoa que eu sou hoje.

Ela relata, em tom professoral, seus aprendizados nos anos em que exerceu a prostituição nos primórdios daquela zona de prostituição. “Foi um tempo muito bom”, afirma. Para ela, as marcas do período estão guardadas em forma de recordações e experiências que não teriam sido vivenciadas em outra atividade.

Eu estive noiva com um francês. E tive vários amores, foi muito bacana. Foi ótimo, viu? Esse período da minha vida foi como, assim, uma recreação. Porque, no bom sentido, foi saudável, porque eu nunca fui assim, uma pessoa promíscua, nunca fui de escândalo, nunca gostei disso. Tudo eu fui muito eu mesma, né. Muito discreta. [...]

E tive experiência com navio de marinha, né, brasileiro. Tinha também as pessoas do Centro, né. Aqueles senhores que vinham também. E tinha uma coisa: as mulheres, tinha mulheres que gostavam de escândalo. Quando o homem não pagava, ia pra delegacia. Jamais eu fiz um negócio desse, porque era assim: tinha umas mulheres que era fichada. As mulheres fichadas ela era profissionalmente daquilo, né, do sexo, prostituta mesmo, profissional. Então se o cara não pagasse, levasse para a delegacia, ele ia pagar dois tanto em cima daquilo que ele não queria pagar, viu? Mas a minha vida ia ficar exposta, a minha intimidade ia ficar... Então, quando acontecia isso, eu, ó [gesto de zíper na boca]. Só que aquela criatura, eu não queria mais. Entendeu? Toda vida eu fui desse jeito, assim.⁵

Dona Edna, revela-se, em muitos aspectos, um contraponto da personagem anterior. A fala de dona Edna é emoldurada por um rosto marcado por rugas de velhice

⁵ Entrevista concedida em 19/06/2010.



adiantada e vincos profundos e fora de lugar, marcas de quando a prostituição era o meio de vida e os clientes e amores eram disputados a faca. O sorriso debochado, de poucos dentes, se alterna com a verborragia pontuada de palavrões e referências sexuais. “Nasci pra isso mesmo” é o mote da narrativa da senhora que nunca soube a própria idade, mas calcula estar com mais de sessenta e cinco anos, e afirma ter se prostituído em muitas das *pensões alegres* da cidade, nas décadas de 60 e 70. Ao contrário de Dorinha, Edna fez questão de oficializar sua condição de prostituta:

Passei foi tempo lá, trabalhando. Depois, eu saí. Disse: “tu quer saber de uma coisa? Eu lá vou trabalhar em casa de família!”. Aí, saí, me fichei logo na polícia, como puta, com 12 anos, 13 anos. Naquele tempo, a gente se fichava na polícia. Só trabalhava nos cabarés quem fosse fichado. Aí eu tinha 13 anos, e me fichei com 19. Por isso que eu me aposentei foi cedo. Na minha carteira, eu tenho 74 anos. Na minha idade, eu tenho sessenta... sessenta e sete.

Morei no Bar da Alegria, na América, na Ubirajara, eu já morei. Eu não morava muito tempo. Passava um mês... Porque ninguém passa muito tempo num canto não, né? Aí, a gente ficava com aqueles vestidão bonito, comprido, sapato alto. Morei no City, tinha a boate City. Aí de noite, depois do movimento lá, terminava duas horas, a gente ia para a boate Guarani...

[...]

Mulher, eu sofri muito. Isso aqui [aponta as marcas de cortes no rosto] é de as rapariga me cortar. Porque eu era escrota! Se eu visse o macho delas assim, se ele me simpatizasse, e eu simpatizasse ele, eu trepava era ali. Tão escrota eu sou!⁶

⁶ Entrevista concedida em 15/07/2010.



Para realizar esta pesquisa, fui ao encontro das entrevistadas em suas casas, nos bairros Moura Brasil e Serviluz. As visitas, assim como algumas andanças no bairro do Centro, me possibilitaram reconhecer locais mencionados pelas entrevistadas, a exemplo de algumas casas de meretrício cujos prédios continuam a existir, embora com modificações na estrutura arquitetônica original e novos usos comerciais. Para a tarefa de interpretar as narrativas das entrevistadas, me apoio nos conceitos de autores que investigam a prostituição sob o ponto de vista da sociabilidade (FONSECA, 1996; PASINI, 2009; MAFFESOLI, 2005; RAGO, 2008; SOUSA, 2008), mas também a memória social (HALBWACHS, 2006; POLLAK, 1992) e o envelhecimento a partir de uma perspectiva de gênero (BEAUVOIR, 1990; BOSI, 2007; DEBERT, 2004; GOLDENBERG, 2008).

PROSTITUIÇÃO – DA VISÃO NORMATIVA À VISÃO POSITIVA

A opção pelo uso das narrativas para investigar o tema da prostituição tem sido a estratégia metodológica adotada por alguns autores que procuram evitar generalizações e a produção de enunciados essencializantes, redutores da complexidade do real, a exemplo de Fonseca (1996), Sousa (2004) e Pasini (2009). Nesta seção, examinarei algumas abordagens discursivas da prostituição, demonstrando como o tratamento do tema nas ciências sociais, que inicialmente refletia uma visão normativa, tem se modificado com a ênfase recente nos aspectos relacionais do fenômeno.

A prostituição talvez não seja a profissão mais antiga do mundo, como assevera o senso comum, mas pode-se afirmar que a figura da prostituta é uma das mais investigadas pelas ciências que perscrutam a verdade humana. Os mais diferentes discursos foram produzidos para descrever este personagem, a partir de diferentes locais de enunciação. Ao longo do século XIX, a figura da *mulher delinqüente* foi objeto de intensa produção discursiva, seja pela psiquiatria, pela antropologia criminal ou pela medicina social. Os enunciados produzidos pela ciência, no intento de encontrar verdades universalmente válidas sobre essas personagens, fabricaram sujeitos e legitimaram agenciamentos e formas de controle social.



Na pista de Geertz, entendo que compreender a cultura de um determinado segmento da sociedade é uma forma de expor sua normalidade sem reduzir sua particularidade (GEERTZ, 1989, p. 10). Mesmo na atualidade, após a perda do estatuto científico das teorias sobre a *criminosa nata*, é possível observar, em alguns esforços de pesquisa, o pressuposto de que prostitutas seriam mulheres com algum grau de exotismo. Pesquisas de viés psicologizante tentam estabelecer, com estatísticas ou entrevistas de histórias de vida, alguma ligação entre a entrada no meretrício e a ocorrência de abusos sexuais na infância⁷. Através do entendimento de suas relações familiares e entre colegas de profissão (BACELAR, 1982, FONSECA, 1996), seria possível compreender que prostitutas não são criaturas exóticas, mas mulheres comuns, e que este fato não elimina as especificidades culturais e simbólicas dos diferentes espaços de prostituição.

O que constituiria, então, a especificidade da prostituição enquanto fenômeno social? Margareth Rago observa que as pesquisas sobre o tema, que ganharam maior expressividade no século XIX a partir de uma referência médico-policial, constroem explicações sobre prostituição como disfunção orgânica ou como transgressão, modelo oposto ao bom funcionamento moral da sociedade. Tais explicações negativas, que definem o objeto em função daquilo que ele *não* é, pouco contribuíram para estabelecer o que seria o próprio fenômeno da prostituição. Por outro lado, muitos foram os fantasmas e ditames morais engendrados por essa produção discursiva sobre as sexualidades insubmissas.

Autores como Rago (2008) e Sousa (2008) entendem que o viés da sociabilidade pode ser um caminho prolífico para o entendimento da prostituição em sua especificidade, ponto de vista de que compartilho. Como sugerido por Rago (2008, p. 26), a idéia de que a prostituição tem uma função agregativa é uma chave para estudar o fenômeno sem recorrer à abordagem normativa que caracterizou os estudos sobre o tema.

⁷ Para refutar a ligação de meretrício e abuso na infância, a antropóloga Cláudia Fonseca questiona sobre qual seria a explicação para as mulheres que sofreram abusos sexuais e tornaram-se cientistas sociais, professoras, ou vieram a exercer quaisquer outras atividades (1996).



Para Maffesoli, a prostituição proporcionou, em inúmeras sociedades, “das casas gregas aos lupanares medievais”, o reforço do laço social, pela negação do indivíduo. O sexo praticado de forma ritual, em que o corpo se doava à coletividade, tinha a função de reforçar a existência do grupo. Ampliando a análise, o autor identifica, no meretrício profano dos bordéis, traços da função sagrada de reforço das relações sociais e da cultura comum.

Assim o sexo promove um refinamento que só pode ser alcançado, na maior parte do tempo, pela multiplicação das relações numa esfera ampla. Sem dar importância indevida aos qualitativos mais ou menos infamantes dirigidos às casas de vida alegre, sobre as quais não faltam histórias, é certo que elas tinham uma função complementar de educação. Ao lado das diversas artes ensinadas então, aprendia-se as artes da conjugação, essa arte que obriga a sair de si e a considerar a alteridade como um elemento estrutural do fenômeno individual e social (MAFFESOLI, 2009, p. 37).

O papel socializante dos bordéis, conforme descrito por Maffesoli, não pareceria anacrônico diante das descrições dos lupanares de Fortaleza pelas personagens deste estudo. Evidentemente, não é minha intenção ocultar aspectos negativos relacionados ao meretrício, pois não há como negar sua existência. Entendo, entretanto, que não se podem negar os aspectos relacionais específicos desse universo, dentro dos quais mulheres e homens foram socializados. Tentar compreender, sob o aspecto da sociabilidade, o período histórico em que as personagens deste estudo exerceram a prostituição, pode lançar luz sobre aspectos pouco analisados do período. Cabe reiterar que os discursos produzidos nessa época sobre as zonas de prostituição adotavam, comumente, o viés normativo.

Nas casas de meretrício estabelecidas em antigos sobrados do Centro da cidade, em que havia salões onde se dançava ao som de pequenos conjuntos musicais apelidados de orquestras, o conjunto das interações sociais tinha no sexo comercial apenas um de seus elementos. Na verdade, os momentos de lazer que iam além da troca de sexo por dinheiro sustentavam a frequência daqueles espaços, onde rapazes acediam acompanhados de colegas. Tendo uns aos outros como testemunhas de suas pequenas aventuras no mundo dos *cabarés*, os rapazes das camadas médias da cidade exibiam um comportamento sexual valorizado e tido como modelo de masculinidade.



PROSTITUTAS E VELHICE: UM SILÊNCIO SIGNIFICATIVO

Um exame extensivo da bibliografia brasileira sobre prostituição, incluindo etnografias recentes em áreas urbanas, revela uma lacuna no que diz respeito ao envelhecimento das prostitutas. Em algumas obras, dedicam-se ao assunto algumas páginas, como resposta a provocações do campo, mas a velhice da prostituta, quer esta permaneça ou não na atividade, não é tematizada com frequência em estudos específicos. As condições do envelhecimento da prostituta permanecem, assim, pouco observadas e, de certa forma, tão ocultas quanto a presença dessas personagens nos espaços urbanos.

A observação desta lacuna nos estudos me levou a questionar quais seriam as especificidades do envelhecer para as mulheres que foram trabalhadoras do sexo. Nesta seção, apresento algumas das primeiras reflexões sobre esta temática, a partir de uma breve revisão de literatura e de pistas encontradas nos discursos das entrevistadas.

O extenso tratado “A velhice”, de Simone de Beauvoir, tem sido o ponto de partida para muitas pesquisas sobre as condições das pessoas idosas na sociedade atual. A autora denuncia, nesta obra, a “conspiração do silêncio” em que estariam envolvidos os sofrimentos relacionados ao envelhecimento. Beauvoir denuncia que, temerosas do seu próprio destino, as pessoas mais jovens denegam a existência da velhice, tratando-a como um “segredo vergonhoso”, e reservando aos velhos o tratamento de párias sociais.

Observando o estatuto da velhice nas sociedades históricas, Beauvoir encontra, em obras literárias do período do Renascimento, exemplos de representação mulher idosa que não perderam sua atualidade. Beauvoir cita a obra do longo escritor italiano Cornaro (1484-1566), que parte de sua própria vida como exemplo de virtude e, em sua obra “tratado da vida sóbria e regrada”, reproduz o pensamento de que “uma vida sensata produz uma bela velhice” (BEAUVOIR, 1990, p. 182). Enquanto a cultura humanista celebrava a beleza e a juventude, associando-as às virtudes de uma vida regrada, poetas e escritores faziam da mulher velha, representação da feiúra e dos vícios, uma personagem freqüente na literatura do período.

O preconceito contra as idosas é exemplificado na peça A Celestina, de 1499, citada por Beauvoir. A personagem central, que havia sido prostituta e torna-se cafetina



deliberadamente, recebe severa punição no desfecho. Constatando a frequência das obras sobre antigas prostitutas na poesia burlesca do período, Beauvoir conclui que “é sobretudo enquanto antiga prostituta que se ataca a mulher idosa. Imunda se ainda tem pretensões ao amor, sua hipocrisia é denunciada quando se volta para a beatice”.

A autora indaga as do desprezo dedicado aos idosos a partir de uma perspectiva de gênero, apontando para a evidência de um elemento de misoginia na repulsa à velhice:

O que, em todo caso, é preciso notar é que, macho ou fêmea, o velho enamorado suscita a repulsa. Mas quando se trata dos homens, a literatura investe contra os ricos, que compram o prazer graças ao ouro que possuem; ela ataca, ao contrário, as mulheres da mais baixa categoria, aquelas que se vendem. Compreende-se facilmente o rancor que os primeiros inspiram; ao passo que a ira de que são objeto as velhas prostitutas tem motivos mais turvos. Explica-se, provavelmente, por alguma frustração (op. cit., p. 185-186).

A velhice coberta de opróbio é descrita, nas obras do período, como conseqüência óbvia de uma existência marcada por prazeres desregrados. A moral que culpabiliza o indivíduo por suas condições no envelhecer não parece, comparada ao contexto que tratamos anteriormente, muito anacrônica.

Na prostituição feminina, sobretudo no baixo meretrício⁸, é possível observar figuras de dominação de gênero e relações de poder e resistência. A forma como as prostitutas são representadas socialmente resulta em invisibilidade social: a prostituta idealizada, aquela presente no imaginário do senso comum, é um objeto, é “o outro”, e jamais “o eu”, alguém com quem *eu* vá me identificar. Na velhice, a invisibilidade social adere outra vez à figura da prostituta, de modo que a conspiração do silêncio e o descaso com a condição dos idosos, descritos por Beauvoir, atingem a prostituta idosa de uma forma duplicada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁸ Maria Dulce Gaspar (1985) classifica as diferentes escalas da prática da prostituição, e define como baixa prostituição aquela que é praticada nas ruas, por mulheres de todas as idades, a baixos preços. A vulnerabilidade das prostitutas a situações de risco é um dos aspectos do baixo meretrício constatados pela autora.



AMADO, Janaína, e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BACELAR, Jeferson. *A Família da Prostituta*. São Paulo: Ática, 1982.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Paris: Seuil, 1971.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo; Hucitec, 1983.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités. In: *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Vol. LXIX, p. 197-225, Paris, 1980.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína, e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. *A miséria do mundo*. Petrópolis; Vozes, 1997.

COSER, L. A. *Georg Simmel's neglected*. Contributions to the sociology of women. *Signs: Journal of women in culture and society*. Chicago: University of Chicago, 1977.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

DITMORE, MELISSA HOPE (Org). *Encyclopedia of Prostitution And Sex Work*. Westport, Greenwood Press, 2006.

DUBET, François. *Sociologie de l'expérience*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A narrativa e a captura do movimento da vida vivida. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 5, nº 9, 2004. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9184> Acesso em: 4 de abril de 2011.

EIZIRIK, Marisa. Michel Foucault: Um pensador do presente. Ijuí, Editora Unijuí, 2005.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FABIANI, Jean-Louis. O que resta do agente social? A análise sociológica frente à exemplaridade biográfica e à diminuição de si. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, n. 14, v. 1, p. 33-65, 2002.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/ UFRJ - PPCIS / UFRJ, vol. 4, nº 1, 1996.



FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *O que é um autor*. Lisboa: Passagens, 1992

_____. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 2003.

_____. Microfísica do Poder. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2005.

_____. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

GUATTARI, Feliz. *A Revolução Molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1975.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. *Cadernos Pagu*, n. 3, p. 117-141, 1994.

_____. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LAHIRE, Bernard. Do *habitus* ao patrimônio individual de disposições: rumo a uma sociologia em escala individual. *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 34, nº 2, 2003.

LEITE JUNIOR, Jorge. Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento. Rio de Janeiro, Annablume, 2006.

LOMBROSO, Cesare e Ferrero, G. *La femme criminelle ET La prostituée*. Paris: Felix Alcan, 1896.

MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST E AIDS. Manual do Multiplicador – Profissional do Sexo. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.



_____. Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da Aids/ Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

_____. Sobre valores e fatos: a experiência das ONGs que trabalham com Aids no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 1997.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece*. Belo horizonte: Autêntica, 2006.

Organização das Nações Unidas. Assembléia Mundial sobre Envelhecimento: Resolução 39/125. Viena; 1982.

PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. Revista Bagoas, n.4, 2009.

_____. *Reservados e invisíveis*: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas. Campinas: Pontes; Fortaleza: PPG-Sociologia UFC, 2007

PARENT-DUCHATELET, Alexandre. *La prostitution à Paris au XIX^{ème} siècle*. Paris, Seuil, 1981.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PEREIRA, Armando dos Santos. *Sexo e Prostituição*. Rio de Janeiro, Gráfica Record Editora, 1967.

PASINI, Elisiane. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. In: DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (Org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da sociedade disciplinar – Brasil, 1890-1930*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. São Paulo, Paz e Terra, 2008a.

RAGO, Margareth. O corpo exótico, espetáculo da diferença. Estudos feministas, janeiro/junho 2008b. Disponível em:
<<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys13/perspectivas/marga.htm>> Acesso em 28 de novembro de 2010.

RODRIGUES, Nara Costa e TERRA, Newton Luiz. *Gerontologia social para leigos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

SOUSA, Ilnar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. São Paulo: Annablume, 2008.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina